

**Entre a realidade e o sonho: uma leitura de “Tabacaria”
de Fernando Pessoa e sua relação com o *Eclesiastes***

Carlos Augusto de Negreiros¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é uma análise do poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa, destacando os principais pontos do texto, em especial as indagações filosóficas sobre o conhecimento da realidade, o pessimismo, a morte, bem como a ênfase dada às sensações do eu poético no confronto com as coisas circundantes. Comparativamente, o texto é confrontado com o *Eclesiastes* bíblico e com outros poemas de Fernando Pessoa, especialmente aqueles em que alguns temas presentes em “Tabacaria” aparecem reiterados.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze “Tabacaria”, a poem written by Fernando Pessoa. In order to do this we aim to stress the main subjects of the text, especially the philosophical inquiries about knowledge of reality, pessimism, death and the emphasis given to sensations of the poetic self in confrontation with elements of the surrounding. In a comparative analysis, the text is compared with the biblical *Ecclesiastes*, as well as with other Fernando Pessoa’s poems, especially those in which some themes of “Tabacaria” reappear.

PALAVRAS-CHAVE: Poema em prosa; Conhecimento; Realidade; Sensação; Morte

KEYWORDS: Prose poem; Knowledge; Reality; Sensation; Death

I

“Tabacaria” foi escrito em 1928 por Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Álvaro de Campos². O poema evoca uma cena: alguém

¹ Mestrando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, com a pesquisa: “De Atenas a Vila Rica: algumas reescrituras do mito de Fedra”, um trabalho comparativo que tem por base o mito de Fedra nas (re)escrituras de Eurípides, Sêneca, Racine e Autran Dourado. Contato: cdenegreiros@gmail.com

² Para uma discussão sobre os heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos em Fernando Pessoa, ver: LOPES, Oscar e SARAIVA, A. J. *História da literatura portuguesa*, 17^a.ed. Porto Editora: Porto, 2001, p. 997-1003. Quanto a Álvaro de Campos, os autores afirmam: “[...] O heterônimo Álvaro de Campos [...] prega nas odes em verso livre entusiástico, à maneira de Walt Whitman, a sabedoria futurista da sem-razão, da energia mecânica, da vida jogada por aposta; ou então o anseio, mais whitmaniano ou *sensacionista*, de ‘sentir tudo de todas as maneiras’ [...]”

olha uma tabacaria de uma janela qualquer, de uma mansarda qualquer, de uma cidade qualquer; observa o movimento da rua (carros, pessoas, passeios, cachorros) e dos que entram e saem das lojas, das confeitarias e da tabacaria; olha uma criança comendo chocolates, e filosofa. Às vezes sai da janela, volta e se senta numa cadeira e pergunta: “em que hei de pensar?”, como se pensar lhe pesasse como uma obrigação. Fuma, valorizando o momento em que olha a fumaça e se sente liberto de todas as especulações filosóficas. Levanta-se e pega um papel para escrever um poema e vai de novo até a janela e vê o dono da tabacaria e o homem que sai. Conjectura. A relativa banalidade da cena é o pano de fundo para as intensas reflexões filosóficas do poema. “Tabacaria” é um poema em prosa, um “poema narrativo” que

revela uma unidade, um equilíbrio, uma “construção” inexecutáveis [...] em que um *movimento* de consciência se vai processando ao longo dum tempo nitidamente determinado, e sendo a *história* uma longa *explicação* do homem consigo mesmo, nunca o poeta poderia *dizê-la* — com, inclusive, a necessária insinuação de *prosaísmo* — sob o peso duma exigência de

subscreeve também desde cedo algumas das expressões mais penetrantes de um tema oposto, o que acarreta por seu turno, uma das perplexidades axiais de Pessoa: o tema dos estados evanescentes de sonolência, enjoo, cansaço, atenção marginal, desagregação subjetiva, apreendidos no entanto com uma segurança e apetência de lucidez que problematiza e dinamiza a unidade do eu, arreda a espontânea metafísica da substancialidade psicológica. A este problema do ‘eu’ trouxe Pessoa muitas fórmulas inquietantes (‘de quem é o olhar que espreita por meus olhos?’; ‘tenho um medo maior do que eu’), ligando aliás o desgarramento da unidade pessoal, a frustração individualista, a um vazio de simpatia social — mas também à súbita e paradoxal surpresa de que ‘os outros também são eu’” (p.998-999). Ver também a explicação acerca da criação dos heterônimos feita pelo próprio Fernando Pessoa em carta a Adolfo Casais Monteiro: *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1978, p. 13-15. Sobre Álvaro de Campos diz o poeta: “Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1,30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade; [...] é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. [...] Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo porém liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. [...] Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o ‘Opiário’. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. [...] (O meu semi-heterônimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio) [...]”

conformidade na qual este movimento se perderia.
(MONTEIRO, 1985, p. 120)

Uma negação introduz o poema e uma afirmação o fecha. E é esta oscilação (o vai-e-vem entre negações e afirmações) que percorre suas linhas. São os contrastes que o marcam, e ao lê-lo, parece que navegamos num rio de incertezas e pessimismo contrapostos a sonhos grandiosos, como nos fragmentos abaixo:

Não sou nada / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada; / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo (versos 1-4); / Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada (versos 25-26). Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama; / Mas acordamos e ele é opaco, / Levantamo-nos e ele é alheio (versos 65-67)

O eu poético vê a realidade que está diante dele e reflete sobre ela, ou, em termos mais adequados à poesia de Álvaro de Campos, *sente pensando* (ou *pensa sentindo*) a realidade. Ele se sente dividido entre a lealdade à tabacaria (coisa real por fora) e à sensação de que tudo é sonho (coisa real por dentro).

Em seus “textos filosóficos” (1915-1916), Fernando Pessoa afirma que

tudo é sensação. [...] O espiritual em nós é a potência para sentir e o sentir é sensação, o ato. [...] Tudo o que existe é um fato mental, isto é, concebido. [...] Criar, isto é, conceber uma coisa como em nós, mas não em nós, [...] é concebê-la como feita da nossa própria substância conceptiva, sem ser essa mesma substância.

Nesta afirmação aparece de maneira óbvia uma explicação das relações entre o eu e o mundo, considerando-se o sentir, o pensar e o conhecer de lastro kantiano, pois o que Pessoa discute está na base das discussões filosóficas acerca da teoria do conhecimento. É conhecida a tentativa de resposta idealista de Kant a tais questões. Para Loidemar Luiz Bressan, em *A crítica kantiana ao idealismo material*, Kant

fundamenta a sua teoria nas críticas ao idealismo de Berkeley e ao idealismo cético de Descartes: o primeiro, como Platão, negava ou contestava a existência do mundo exterior ao “eu” (à consciência), qualificando o mundo sensível como “ilusão”; o segundo duvidava da existência desse mundo exterior, conferindo o “primado epistêmico” ao objeto do *sentido interno*, o *eu*. Kant não despreza nem um e nem outro, mas fundamenta a sua crítica na inter-relação entre o sentido interno e o sentido externo das coisas, isto é, tenta fundamentar subjetivamente um conhecimento objetivo, no que denominou Idealismo Transcendental:

a capacidade (receptividade) de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos denomina-se *sensibilidade*. Portanto, pela sensibilidade nos são dados objetos e apenas ela nos fornece *intuições*; pelo entendimento, ao invés, os objetos são *pensados* e dele se originam *conceitos* [...] O efeito de um objeto sobre a capacidade de representação, na medida em que somos afetados pelo mesmo, é *sensação*. (KANT, 1987, p. 39)

O pensamento é algo que *transcende* à coisa em si, pois pensar é abstrair e formar conceitos. Para o filósofo alemão, conhecer é analisar por meio do eu que pensa a multiplicidade de representações que as coisas colocam aos nossos sentidos. Ele admite que não conhecemos as coisas em si mesmas (i.e, alheias à experiência sensível), mas apenas as sensações das coisas. Não o *noumenon* (a coisa em si), mas o *phenomenon* (a coisa para mim).

Retornando ao poeta, ao afirmar que tudo é sensação, Pessoa parece estar absolutizando ou dogmatizando afirmações. Longe dele tal dogmatismo, pois logo adiante estabelece a dialética entre o eu que concebe (conhece) e a coisa concebida (conhecida). Mas não se pode negar o lastro kantiano idealista de sua afirmação, ao dar preponderância às sensações na busca do conhecimento da realidade.

Em “Tabacaria” as sensações são preponderantes, e o pensamento transcende ao concreto, chegando às raias do sonho, pois ao afirmar: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? [...] Não,

não acredito em mim [...] Crer em mim? Não, em nada [...]”, o eu poético eleva-se, incorporando lastros de Descartes, questionando o próprio conhecimento, duvidando existencialmente do próprio eu que pensa, como se estivesse sonhando.

É evidente no poema o contraste entre a *coisa em si* e a *coisa em mim*, entre o “real por fora” e os “sonhos por dentro”, a misteriosa realidade das coisas, como nos versos 8-10: “Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente / Para uma rua inacessível a todos os pensamentos / Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa”, ou no verso 141: “Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície”. Por isso, num dos exageros peculiares de Álvaro de Campos, o eu poético avança suas especulações para além do próprio Kant: “Tenho feito mais filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu”, v. 53.

O eu poético apreende, representa, finge a realidade subjetivamente. A realidade é apreendida pela subjetividade (as sensações das coisas pelo sujeito que pensa). Mas a realidade é também a materialidade das coisas: a rua, as lojas, os passeios, os carros, os cachorros, a tabacaria de defronte. A realidade é contraditória; é a *coincidentia oppositorum* típica da lógica poética pessoana (SEABRA, 1988, p. 53). A realidade é a sensação do ser que pensa, mas também são as coisas que ele vê nitidamente com seus olhos, i.e., a realidade não pensada, para usar as palavras de Alberto Caeiro em “Todas as opiniões”: “Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito / Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem / Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas” (PESSOA, 2007, p. 128).

O verbo *saber* tem preponderância no poema. O poeta quer saber, quer conhecer, ainda que questione: “Janelas do meu quarto / Do meu quarto de um dos muitos do mundo que ninguém sabe quem é / (e se soubessem que é, o que saberiam?” (v. 5-7), e se depara com a impossibilidade do conhecimento das coisas pela via intelectual ou religiosa. É nas sensações que está a possibilidade de conhecimento e apreensão da verdade da realidade (ou sentir seria fugir da realidade

das coisas?). Álvaro de Campos traz aqui as marcas do sensacionismo e seu elogio às sensações — conhecer pelo olhar e pelo sentir, sem pensar, pensando. A realidade é subjetiva e aparente; é o que está dentro e fora de nós; é o que sonhamos e o que vemos.

“Tabacaria” revela uma reviravolta na poesia de Álvaro de Campos em direção a Alberto Caeiro, o mestre dos heterônimos criados por Fernando Pessoa. A poesia (“filosofia”) de Caeiro pretendia-se alheia a qualquer metafísica, pois ele aparentemente não elucubrava, tentando buscar o que estivesse por detrás das coisas, as causas primeiras, para usarmos uma expressão cara aos metafísicos; não se afligia em especulações filosóficas (ainda que todos os seus escritos estivessem repletos de filosofia). Sua poesia era a do contato com a natureza, com o misturar-se aos cheiros e odores, sentir a luz do sol e o vento, olhar para o rio e as árvores; a da aceitação das coisas simplesmente como coisas, pois elas se lhe apresentavam aos sentidos. As coisas simplesmente são. Em diversos poemas de Alberto Caeiro fica evidente o seu alheamento a qualquer metafísica ou, em outros termos, o seu “pensamento” é antimetafísico. Vejamos alguns fragmentos::

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores? / A de serem verdes e copadas e de terem ramos / E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar, / A nós, que não sabemos dar por elas. / Mas que melhor metafísica que a delas, / Que é a de não saber para que vivem / Nem saber que o não sabem? (“Há metafísica bastante em não pensar em nada”. *In* PESSOA, 2007, p. 26)

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos... (“O Meu Olhar”, *idem*, p. 21)

O mistério das cousas, onde está ele? / [...] Porque o único sentido oculto das cousas / É elas não terem sentido oculto nenhum, / [...] Sim, eis o que os meus sentidos / aprenderam sozinhos: — / As cousas não têm significação: têm existência. / As cousas são o único sentido oculto das cousas. (“O Mistério das Cousas”, *idem*, p. 70)

Em “Tabacaria” vemos o referido “sensacionismo” de Álvaro de Campos já debilitado. Não há mais o vigor nem a euforia vital nem a explosão de sensações como aqueles expressos em “Ode triunfal”, “Ode

marítima", "Saudação a Walt Whitman" e "Passagem das horas"³, mas o poema tem o gosto amargo do *Eclesiastes*. E tanto em um quanto em outro transparece a ideia de que a morte é uma viagem só de ida e põe fim a todas as inutilidades⁴.

“Tabacaria” é um poema de alguns instantes e de uma vida inteira. Alguns instantes de pensamentos, questionamentos, olhares e sensações, e uma vida inteira de realizações e sonhos conquistados, irrealizáveis e impossíveis. É um poema que contrapõe a realidade íntima e absolutamente pessoal da consciência que pensa e do corpo que sente diante das coisas exteriores que desfilam aos olhos do ser pensante. Tanto a subjetividade do eu poético quanto a exterioridade das coisas são concretos e cada um é real, à sua maneira. A tabacaria é real, do lado de fora, na rua, e o sonho é real, do lado de dentro, como sensação íntima. Assim o eu poético se expressa (versos 22-24): “Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu. / Estou hoje dividido entre a lealdade que devo / À tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, / E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.”

E a sensação parece ser a mola mestra do poema, se é que há uma. É na sensação do momento presente, das coisas corriqueiras da vida, como fumar ou comer chocolates, que parece estar a resposta para os questionamentos que o eu poético faz; não na resposta metafísica, pois esta, no final das contas, ele repudia. É no momento presente que o eu poético reconhece que sua vida foi um fracasso recheado de qualidades, experiências e tentativas; ele usou máscaras durante muito tempo e agora se pergunta: “quem sou eu, o que são as coisas (de fato e de verdade)?”. São as grandes questões da existência e do conhecimento que o deixam com uma desagradável sensação de mal-estar no corpo e

³ “Ode triunfal” foi publicada na revista *Orpheu* no primeiro trimestre de 1915; “Ode marítima” também em *Orpheu* no segundo trimestre de 1915; “Saudação a Walt Whitman” é de junho de 1915 e “Passagem das horas” é de maio de 1916. “Tabacaria” foi escrito em 1928.

⁴ No tópico II deste ensaio teremos ocasião para aprofundar as relações entre o poema de Pessoa e o texto bíblico do *Eclesiastes*.

na alma perante tudo, como se todas as suas especulações filosóficas não tivessem dado em nada e a morte uniformizasse tudo. A angústia do existir, o ser, o conhecimento, a verdade, a realidade, a vida e a morte são temas que percorrem todo o poema.

O poema é extenso (164 “versos”) e sua análise está longe de ser fácil ou simples. Cabe destacar alguns aspectos estruturais.

Em primeiro lugar, no decorrer de todo o poema, há claros *contrastos*, como por exemplo, entre sensações e pensamentos (e as sensações do pensamento, como diria Fernando Pessoa em *Poesias*: “... o que em mim sente ‘stá pensando”), do binômio vida-conquista vivida e vida-conquista pensada (sonhada), ser e não ser, realidade e sonho, o eu e as coisas, dúvida e certeza (ou a dúvida seria a certeza, a certeza da dúvida?), negações e afirmações, consciência e inconsciência, racionalidade e irracionalidade. Além disso, há muitos *paradoxos*, o que demonstra que a verdade das coisas está longe de ser estanque. Há também *experiências abundantes e sensações marcantes*: o eu poético viveu, amou, estudou e até creu, sonha e sonhou todos os sonhos e conquistou o mundo, ainda que deitado numa cama, mas as suas conquistas passadas foram máscaras que ele vestiu e hoje lhe parecem destituídas de sentido. No momento presente ele vivencia a realidade de uma sensação absoluta do fracasso de sua vida e da inutilidade das coisas, desconfiado e desesperançado de qualquer futuro pessoal ou nacional; contrapõe a realidade das coisas banais com a metafísica, e a esta faz um contra-elogio, quando afirma: “Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica” (v. 160) ⁵. A mais clara das sensações está na expressão: “... calcando aos pés a consciência de estar existindo” (v. 124). A *consciência* aqui pode muito bem ser entendida como *sensação*: a sensação de estar existindo. Mas esta sensação também não é absoluta, pois “[...] a impossibilidade de tudo quanto eu nem chego a sonhar / Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir...[...]”, como o poeta afirma em “A casa branca nau preta”

⁵ Adiante esclarecemos o sentido da interpretação como sendo um contra-elogio.

(PESSOA, 1978, p, 241). Isso é realidade para ele; sensação de uma realidade que o angustia e incomoda continuamente, pois é a realidade da estupidez das coisas, como expressa em “Ao volante”: “Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexos, sem conseqüência, / Sempre, sempre, sempre, / Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma, / Na Estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida...” (PESSOA, 1978, p. 37).

É por esta “terrível estranheza de existir” e pelo acordar para a “misteriosa importância de existir” que a poesia de Fernando Pessoa “preludia o existencialismo de meados do século” (LOPES-SARAIVA, 2001, p. 1000). Vemos ainda ficar evidente a constante busca: a) pelo desvendamento do *mistério das coisas*; b) pelo *conhecimento* e c) pela *verdade*. E mais: os exageros (típicos do heterônimo Álvaro de Campos) estão bem presentes, marcados pelas expressões “tudo”, “todo”, “todas”, “mais que” e “inteira”. Finalmente, em “Tabacaria” as marcas formais do poema se mostram através de *repetições* (paralelismos) abundantes do início ao fim do poema. O poeta utiliza-se dos recursos da anáfora, da diácope, da epístrofe, da gradação e do poliptoto. As repetições marcam um ritmo, pondo ênfase no discurso. O *ritmo* não é formalmente regular — às vezes é um ritmo longo com frases extensas, às vezes é rápido com frases curtas — e os versos são heterométricos. As *aliterações* (em “s”, “c”, “p”, “t” e “v” e outras) e as *assonâncias* são abundantes. Há umas poucas *rimas* (por exemplo, no padrão a, b, b, a — verso 101 — “*vivi, estudei, amei e até cri*”), exploração da *sonoridade* das palavras mediante trocadilhos de sílabas como *partida apitada* (no verso 18) e *ervas e árvores* (no verso 30) e belas *metáforas* (“Deito tudo para o chão, *como tenho deitado a vida*”, verso 77; “...a *roupa suja que sou*”, verso 88; “*Meu coração é um balde despejado*”, verso 93).

Os versos 85-100 são os mais obscuros, e supostamente nos remetem ao passado longínquo da mitologia e da religião, aos inícios da civilização ocidental representados no império romano, à literatura trovadoresca portuguesa da idade média, à realeza do século dezoito, a algo indefinido do século XIX e ao modernismo (português?)

contemporâneo, ou do próprio eu poético. Com exceção do verso 91, todos os outros versos referem-se a mulheres, adjetivadas de uma ou outra forma (viva, nobre e nefasta, gentilíssima e colorida, decotada e longínqua, célebre). No verso 85 temos: “tu, que consolas, que não existes e por isso consolas”. Quem é o “tu” a que se refere o eu poético? As comparações representadas pelos versos citados podem fazer pressupor um interlocutor feminino. Seria a “pequena” que come chocolates dos versos anteriores? Sendo ela, de que servem as referências ao passado? Como ligar as duas coisas? O que transparece aqui é uma tentativa de consolo às angústias existenciais do eu poético por parte de alguém, uma tentativa de revelar-lhe a verdade das coisas.

(Note-se o verso 75: “Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!”. Esta afirmação é do eu pensante como se estivesse falando com a menina, como se na atitude banal de comer chocolates estivesse a verdade da vida e das coisas, como se a metafísica das religiões e de outras grandes conquistas da humanidade tivessem sido reduzidas a uma barra de chocolates (“Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”, vs. 72-73). E isto poderia servir de consolo e inspiração ao eu poético.)

O verso 92 é interessante: “Tudo isso, seja o que for, *que seja* [grifo nosso], se pode inspirar que inspire!”. É como se a menina, sinédoque da infância, fosse a personificação negativa de todas as mulheres referidas, das conquistas do passado e do presente. Negativa porque na “pequena suja” estariam representadas a inocência, a ingenuidade e a ausência de indagações filosóficas e existenciais que tanto atormentam o eu poético, coisas bem diferentes da grandiloquência aludida nas linhas anteriores. Comer chocolates indica um apelo ao sensorial, avesso à atividade angustiosamente reflexiva a que o eu poético se submete. A menina assim compreendida deveria inspirá-lo e consolá-lo, mas o resultado não parece eficaz para a felicidade do observador, o poeta. A mesma relação entre eu-tu aparece

em “Ela canta, pobre ceifeira”, poema de Fernando Pessoa, ele mesmo, em que o eu poético exclama:

Ela canta, pobre ceifeira / julgando-se feliz talvez /
Canta e ceifa, e a sua voz, cheia / De alegre e anônima
viuvez [...] / E canta como se tivesse / Mais razões pra
cantar que a vida / Ah, canta, canta sem razão! / O que
em mim sente ‘stá pensando [...] / Ah, poder ser tu,
sendo eu! / Ter a tua alegre inconsciência, / E a
consciência disso! Ó céu! [...] / Pesa tanto e a vida é tão
breve! [...]” (LOPES, 2004, p. 51).

Tanto a pequena quanto a ceifeira são interlocutoras de um eu poético que pensa sentindo, invejando uma alegria desinteressada que ele não tem (ou, seguindo Caeiro, desejaria muito ter). Uma canta e a outra come chocolates. Tanto num como noutro caso o que fica evidente é que o poeta, “sendo extremamente lúcido, sonha com ser inconsciente [...], mas sem perder a lucidez” (MOISÉS, 2002, p. 452). A oscilação do poema fica clara nas afirmações de alguém que não sabe quem é, e ao mesmo tempo tem tanta clareza de tudo o que foi e pensou e não fez nem realizou (ou realizou sonhando, deitado numa cama), de alguém que se viu inútil (como inúteis são todas as coisas: *Sempre uma coisa tão inútil como a outra / Sempre o impossível tão estúpido como o real / Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície / Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra* — v. 138-142), mas tinha qualidades, esperava pelo impossível e era sublime. “Tabacaria” é poesia de “alta tensão épica, que muito nos toca de perto” (MOISÉS, p. 453). É a expressão emocionada de uma vida de buscas e inquietações.

Neste poema a morte é que põe fim ao “nihilismo tenso e ofensivo” (MOISÉS, p. 453) expresso por Álvaro de Campos em “Lisbon revisited” (1923): “Não: não quero nada / Já disse que não quero nada / Não me venham com conclusões! / A única conclusão é morrer [...]” (PESSOA, 1978, p. 247) e ao cansaço expresso em *O que há em mim é sobretudo cansaço* (1934): “O que há em mim é sobretudo cansaço - / Não disto nem daquilo / Nem sequer de tudo ou de nada: / Cansaço assim

mesmo, ele mesmo, / Cansaço.” (idem, p. 64) Cabe neste contexto a afirmação de que

o homem civilizado, [...] colocado em meio ao caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas, pode sentir-se ‘cansado’ da vida, mas não ‘pleno’ dela. Com efeito, ele não pode jamais apossar-se senão de uma parte ínfima do que a vida do espírito incessantemente produz, ele não pode captar senão o provisório, e nunca o definitivo (WEBER, 1993, p. 31).

O definitivo em “Tabacaria” parece ser mesmo a morte (como afirmamos anteriormente). Mas à realidade da morte e ao desconforto existencial a banalidade das ações concretas pode trazer um alívio. Os versos finais do poema (147-164) nos dão uma imagem viva da cena evocada. Ante o redemoinho de pensamentos, conjecturas e incertezas, uma certeza parece tomar vulto: a realidade é o momento presente sem metafísicas, pois não há futuro nenhum garantido. A fumaça o liberta dos pensamentos e especulações, como se fossem realmente uma prisão da qual ele não conseguira até então se desvencilhar. Da mesma forma que a menina, o homem que entra e sai da tabacaria (meteu o troco na algibeira das calças?) lhe ilumina o pensamento: “Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica”. Por que se atormentar com metafísicas, se podemos viver as sensações presentes e reais? Sentir o cheiro da fumaça e o gosto do chocolate? O Esteves é que está certo! Este parece ser o pensamento do eu poético que fala, tentando sentir-se “enérgico, convencido, humano” e tencionando “escrever estes versos em que digo o contrário” (vs.145-146). E o poeta finaliza seu escrito com uma expressão genuinamente coerente com todo o corpo do poema, expressão em que se nota a dialética de sua experiência. Veja-se o verso final em que o universo “Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.” É sintomático que tenha terminado seu poema com um verbo que expressa felicidade, palavra afeita ao epicurismo que ele inveja na menina que come chocolates e no dono da tabacaria, que sorri. A negação do início ainda está presente no final

(não há ideais, nem esperanças), mas contraposta a um gesto de alegria e despojamento (“o Dono da Tabacaria sorriu”). Há uma displicência, um sorriso que não espera retorno, despreocupado das grandes questões da existência. O eu poético continua sem ideal nem esperança, e o dono da tabacaria sorri. É um contraste evidente entre o eu e o(s) outro(s); o eu desesperançado e o outro que sorri.

II

Como afirmamos anteriormente, o poema nos remete ao *Eclesiastes*, pela proximidade do pessimismo presente nos dois textos. A expressão “Vaidade de vaidades, vaidade de vaidades, tudo é vaidade” abre o *Eclesiastes* e nele aparece reiteradas vezes, até o seu final⁶. O autor do texto bíblico (o *Qohelet* — sábio instrutor⁷) contrapõe a inutilidade das ações humanas (trabalhos, realizações, prazeres, preocupações, acúmulo de riquezas, de conhecimento) diante da morte, visto que esta é a sorte que cabe a todos os viventes e iguala homens (bons e maus) e animais. É interessante, em termos de comparação, que atentemos para os dois modos de ver a realidade: o do eu poético de “Tabacaria” e o de *Qohelet*:

Primeiramente, em “Tabacaria” a morte é referenciada (ou sentida?) como sendo um ponto final (uma morte inexorável?). Não, ponderamos, pois no poema nada é inexorável, e tudo é dialético, e é

⁶ A palavra “vaidade” aparece em outras traduções do *Eclesiastes* como “ilusão”.

⁷ “A palavra *Qohelet* é o participio feminino de *qahāl* — cujo substantivo nos livros de Esdras e Neemias designa as grandes reuniões da comunidade — e não um erro de tradução de um participio aramaico masculino [...]. Que o termo, equivalente mais ou menos a *aquela que reúne*, seja usado para designar um homem, se explica pelo fato de que originalmente servia para descrever uma atividade ou um ofício, sendo depois aplicado ao respectivo depositário” (SELLIN-FOHRER, 1977, p. 499). O termo foi traduzido por *ekklesiástes*, *concionator*, “pregador”. Inicialmente “*Qohelet*” referia-se ao ofício de dirigir ou falar em uma assembléia; posteriormente o termo passou a designar a pessoa do dirigente ou do orador da assembléia. Na exposição que segue, usaremos o termo “*Qohelet*” para designar o autor do *Eclesiastes*, considerando-o um desconhecido mestre de sabedoria de Israel. Para uma exposição mais detalhada do que afirmamos, além da discussão sobre a atribuição do livro a Salomão e também de exemplos da mudança de uma função para um nome, consulte-se Sellin-Fohrer (*Introdução ao Antigo Testamento*, vol. 2, p. 498-500).

possível que portas fechadas também se abram e se ouça a voz de Deus num poço tapado...

[...] Ele morrerá e eu morrerei / Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos / A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também / Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta / E a língua em que foram escritos os versos / Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu / Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente / Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas [...] (v. 130-137)

ou ainda como sendo uma estrada que o tudo conduz para o nada: “Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens / Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada (v.12-13). É evidente o paralelismo morte/Destino, este com maiúscula, como se estivesse sendo personalizado, um condutor, uma mão ou uma voz que nos conduz (de mãos vazias) ao fim da viagem.

É o que nos apresenta também o *Eclesiastes*, em que o *Qohelet* atesta que o sábio morrerá como o insensato, e a mesma é a sorte do homem e dos animais, pois tanto um quanto outro morrerão e voltarão ao pó, que é o seu lugar (Ec. 2:16; 3:19-20). Note-se a argumentação taxativa dos versos 2 à 6, do capítulo 9 do *Eclesiastes*:

Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento. Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos. Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto. Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol.⁸

⁸ *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida, 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. As demais citações do *Eclesiastes* seguem esta tradução.

Em síntese, “em última análise, por detrás de cada coisa não há um evidente sentido da vida e do mundo, mas o nada e a morte” (FOHRER, 1982, p. 132).

Tanto “Tabacaria” quanto o texto do *Eclesiastes* convergem seus sentidos para a realidade da morte e as vãs conquistas humanas diante desta. No entanto, em seus respectivos autores, esses sentidos apresentam-se de maneiras diferentes: no léxico utilizado, na visão de mundo, no contexto histórico da escrita, estilos e finalidades. Assim, em Álvaro de Campos a visão de mundo é irreligiosa (ainda que apareçam alguns termos como “Deus”, “religiões”, “Cristo”, ou possíveis referências à mitologia e religião — como destacaremos adiante); no *Eclesiastes* o texto tem conotações morais e religiosas (veja-se termos como *justo*, *ímpio*, *íntegro*, *pecador*, *sacrifícios* etc., presentes na exposição do *Qohelet* e ausentes em “Tabacaria”). Além disso, escrevendo em contextos históricos muito distantes no tempo, notamos um ceticismo na argumentação dialética de Álvaro de Campos e uma argumentação de estilo sapiencial no *Qohelet*. Quanto às finalidades de ambos os textos, “Tabacaria” situa-se num universo artístico, enquanto o “Eclesiastes” é didático-pedagógico.

Em segundo lugar, com a referida viagem a nos levar a lugar nenhum, ou a nos tornar pó, para valermo-nos da linguagem bíblica, não é de surpreender que os propósitos da vida para o eu poético de “Tabacaria” e o *Qohelet* do “Eclesiastes” também coincidam, sendo ambos afirmativos de uma ausência teleológica final. Em “Tabacaria” o eu poético falha em tudo e não tem propósito nenhum, embora vá ao campo com *grandes propósitos*, mas lá tenha a frustração de encontrar somente ervas e árvores (a natureza em um estado bruto afeita a um Alberto Caeiro, ou um espaço vazio de solidão?); busca o aprendizado, mas este escoia pelas janelas de fundo da casa (v. 25-30). Por sua vez, nos versos 4 a 11 do capítulo dois de *Eclesiastes*, o *Qohelet* enumera e

reafirma todas as suas conquistas, para fechar no final com o seu bordão: “E eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol”. Em seus próprios termos:

Empreendi grandes obras; edifiquei para mim casas; plantei para mim vinhas. Fiz jardins e pomares para mim e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie. Fiz para mim açudes, para regar com eles o bosque em que reverdeciam as árvores. Comprei servos e servas e tive servos nascidos em casa; também possuí bois e ovelhas, mais do que possuíram todos os que antes de mim viveram em Jerusalém. Amontoei também para mim prata e ouro e tesouros de reis e de províncias; provi-me de cantores e cantoras e das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres. Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim em Jerusalém; perseverou comigo também a minha sabedoria. Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa de todas elas. Considerarei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito.

A vaidade (ilusão) referida pelo *Qohelet* equipara-se à inutilidade de todas as coisas proclamada por Álvaro de Campos. Se o eu poético de “Tabacaria” realizou grandes coisas, mesmo em sonho, deitado em uma cama, o *Qohelet*, sendo rei, não se nega ter efetivamente feito grandes obras em Jerusalém e se beneficiado de todos os prazeres que a realeza pôde lhe proporcionar.

Por fim, em “Tabacaria” a fruição dos prazeres da vida é vista como resposta às constantes indagações filosóficas do eu poético, a uma metafísica que não lhe dá segurança; o pessimismo se expressa na impossibilidade da apreensão do real pela via intelectual. É neste sentido que entendemos a afirmação do eu poético de que “tem feito filosofias em segredo que nenhum Kant fez”, indo além do próprio Kant. Assim, notemos os v. 70-75:

[...] (Come chocolates, pequena; / Come chocolates! / Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria. / Come, pequena suja, come! /

Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes! [...],

os versos 147-155:

[...] Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los / E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos. / Sigo o fumo como uma rota própria, / E gozo, num momento sensitivo e competente, / A libertação de todas as especulações / E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto. / Depois deito-me para trás na cadeira / E continuo fumando. / Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando [...],

ainda os versos 33-41:

[...] Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? / Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa! / Gênio? Neste momento / Cem mil cérebros se concebem em sonhos gênios como eu, / E a história não marcará, quem sabe? Nem um, / Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras. / Não, não acredito em mim. / Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas! / Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo? [...].

Para o *Qohelet* os prazeres, dons de Deus, são vistos sempre pela perspectiva da brevidade da vida e inexorabilidade da morte; o seu pessimismo expressa-se na impossibilidade de uma esperança pós-vida, pois a morte unifica tudo e iguala todos os viventes, e estes, quando colhidos por ela, vão para a ‘mansão dos mortos’, não têm mais conhecimento nem ciência, e nem podem mais adquirir sabedoria.

Disse comigo: vamos! Eu te provarei com a alegria; goza, pois, a felicidade; mas também isso era vaidade. Do riso disse: é loucura; e da alegria: de que serve? Resolvi no meu coração dar-me ao vinho, regendo-me, contudo, pela sabedoria, e entregar-me à loucura, até ver o que melhor seria que fizessem os filhos dos homens debaixo do céu, durante os poucos dias da sua vida. (Ec., 2:1-3)
Sei que nada há melhor para o homem do que regozijar-se e levar vida regalada; e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho (Ec., 3:12-13).

Eis o que eu vi: boa e bela cousa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque essa é a sua porção. (Ec., 5:18) Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras. Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça. Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol. Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma. (Ec., 9:7-10)

Gerog Fohrer, contrapondo o ponto de vista do *Eclesiastes* com outros textos de sabedoria egípcios e babilônicos (em que o caminho indicado é pôr fim à vida e rejeitar esta existência, que, para o homem sequioso da vida, significa somente nulidade), considera:

Qohelet escolhe o caminho do oportunismo: se ao homem não é concedido realizar plenamente a sua existência e segurança, então deve contentar-se com aquilo que lhe é dado, enquanto lhe é possível e a morte não o leva; que ele descubra a sua parte e desfrute dela o máximo possível; que ele desfrute aquilo que a vida lhe oferece a cada dia. (FOHRER, p. 132)

Como podemos observar, há marcas de epicurismo em ambos os textos, nas afirmações que valorizam a fruição dos prazeres do corpo. No *Eclesiastes* poderíamos denominá-lo um epicurismo mitigado (pois, frisamos, a vida e os prazeres, na visão de *Qohelet*, são dons de Deus) e a Deus os homens terão que prestar contas por suas ações. “Tabacaria”, que não tem a dimensão religiosa do texto bíblico, faz ressaltar um epicurismo extremamente humano. Há certa unanimidade entre os estudiosos do Velho Testamento em situar o texto do *Eclesiastes* no

século III a. C. (SELLIN; FOHRER, 1984, p. 503) — época de propagação da filosofia epicurista grega⁹.

Cabe ainda destacar que o principal objetivo do *Eclesiastes* é discutir um tema teológico candente para o período exílico e pós-exílico de Israel: a doutrina da retribuição ou, em outras palavras, o sofrimento do justo. Em poucas palavras, a doutrina da retribuição afirmava que se o homem obedece a lei de Deus, é feliz e abençoado; os sofrimentos são consequência do afastar-se da Lei de Deus, o que constitui pecado. Porém, tanto o *Qohelet* quanto o livro de Jó e alguns salmos questionam esta interpretação, pois notam que muitos “justos” e tementes a Deus sofrem (perseguições, injustiças, males físicos etc.), e isto causa uma imensa perplexidade nos escritores desses livros. Este pano de fundo teológico/religioso motivador do *Eclesiastes* está completamente ausente e não se constitui motivo para a confecção do poema de Álvaro de Campos.

III

Como referido no início, e talvez o leitor concorde plenamente com esta afirmação, “Tabacaria” é um belo poema. Tem melodia, tem ritmo. No fundo, é triste em toda a sua beleza e expressão. Vimos, no tópico I de nosso ensaio, que fica evidente de saída, uma preocupação filosófica (de fundo kantiano) com o conhecimento da realidade. Aprofundando a leitura do poema, destacamos o contraditório, o paradoxal (consciência e inconsciência, racionalidade e irracionalidade, realidade e sonho, entre outros), experiências abundantes e sensações marcantes (uma “estranheza de existir”), a constante busca pelo desvendamento do mistério das coisas, pelo conhecimento e pela verdade, além de marcar os exageros peculiares a Álvaro de Campos. No que tange aos aspectos formais, salientamos as repetições (paralelismos) abundantes do início

⁹ Nesse sentido, caberia verificar se há base para relações de influência da filosofia helenista sobre o texto hebraico. Sellin e Fohrer se inclinam mais para uma influência egípcia do que grega, mas isto é assunto para outra discussão...

ao fim do poema, um ritmo não regular, versos livres (heterométricos), além de aliterações, assonâncias, algumas rimas, exploração de sonoridades e metáforas. Por fim, ratificamos o apelo ao epicurismo e às sensações — sentimentos profundos e intensos do eu que sente e pensa, pensa e sente, como que num movimento dialético único e prolongado, um “existencialismo” amargurado e despreocupado ao mesmo tempo — mostrando que nas sensações de pequenas coisas da vida talvez esteja a solução para o seu mistério, que não se descobre pelas vias intelectual ou religiosa, por isso o repúdio a qualquer metafísica por parte do eu poético.

A seguir, marcamos algumas comparações e contrapontos referentes ao poema de Fernando Pessoa e o texto bíblico do *Eclesiastes*, considerando a proximidade de dois olhares tão distantes no tempo acerca de questões afins. Destacamos que o pessimismo do poema faz eco no *Eclesiastes*, já que em ambos os textos se encontra a ênfase na morte, na falta de sentido da existência e na fruição dos prazeres da vida. Estes referenciam um epicurismo comum aos dois textos. Numa perspectiva não religiosa, o bordão “Tudo é vaidade”, que marca todo o texto bíblico do *Eclesiastes*, talvez coubesse bem na boca de Álvaro de Campos, imprimindo-lhe certa desilusão de possíveis perspectivas existenciais.

Depois de proclamar um futuro grandioso e espetacular em "Ode triunfal", "Ode marítima", "Saudação a Walt Whitman" e "Passagem das horas", em “Tabacaria” Álvaro de Campos, agora um tanto quanto modificado, desveste-se daquele Álvaro de Campos do início. Como pretendemos mostrar, o eu poético parece sucumbir aqui diante de um futuro (pessoal ou mesmo nacional) agora enfumaçado pelas dúvidas de quem já experimentou a vida por completo, e não tem mais certeza de nada, mas volta-se para as coisas simples, como comer chocolates, por exemplo. A essência das coisas são as próprias coisas, como elas se apresentam aos nossos sentidos. Assim sendo, o futuro fica em aberto, e o importante é a fruição das sensações presentes, é o hoje e o agora. O eu poético pode descrever das grandes conquistas dos homens, e elas

podem até não o inspirar; pode descrever até dele mesmo e dos deuses, mas ainda assim ele inveja os que continuam a sorrir.

Referências bibliográficas

A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida, 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRESSAN, Loidemar Luiz. In *A crítica kantiana ao idealismo material*.

Disponível em:

<http://www.unifra.br/thaumazein/edicao1/artigos/A%20CRITICA.pdf>.

Acesso em: 12 set 2009.

CAMPOS, Álvaro de. *Poesias*. Lisboa: Ática, 1951.

COELHO, Nelly Novaes. *Fernando Pessoa, a Dialética de ser em Poesia*.

In *Jornal de Poesia*. Disponível em:

<http://www.revista.agulha.nom.br/nelly01.html>. Acesso em: 05 set 2009.

FOHRER, Georg. *Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento*. Tradução de Álvaro Cunha; revisão de João Bosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 2 vols. Coleção “Os pensadores”. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburguer, 3.ed.. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

LOPES, Óscar e SARAIVA, A. J. *História da literatura portuguesa*, 17. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

LOPES, Tereza Rita. *Os melhores poemas de Fernando Pessoa*. Seleção de Teresa Rita Lopes. 12.ed. São Paulo: Global, 2004 (Melhores poemas).

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*, 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia de Fernando Pessoa*. Org. José Blanco, 2. ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. 4. ed. Lisboa: Ática, 1952.

_____. *Poemas completos de Alberto Caetano*. Comentários e notas de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Companhia Editora Nacional-Lazuli Editora, 2007.

_____. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1978.

REIS, Ricardo. *Odes*. Lisboa: Ática, 1952.

SEABRA, José Augusto. *O heterotexto pessoano*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SELLIN, E., FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Vol.2. Tradução de D. Mateus Rocha). São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Tradução de L. Hegenberg e O. S. da Mota. São Paulo: Cultrix, 1993.